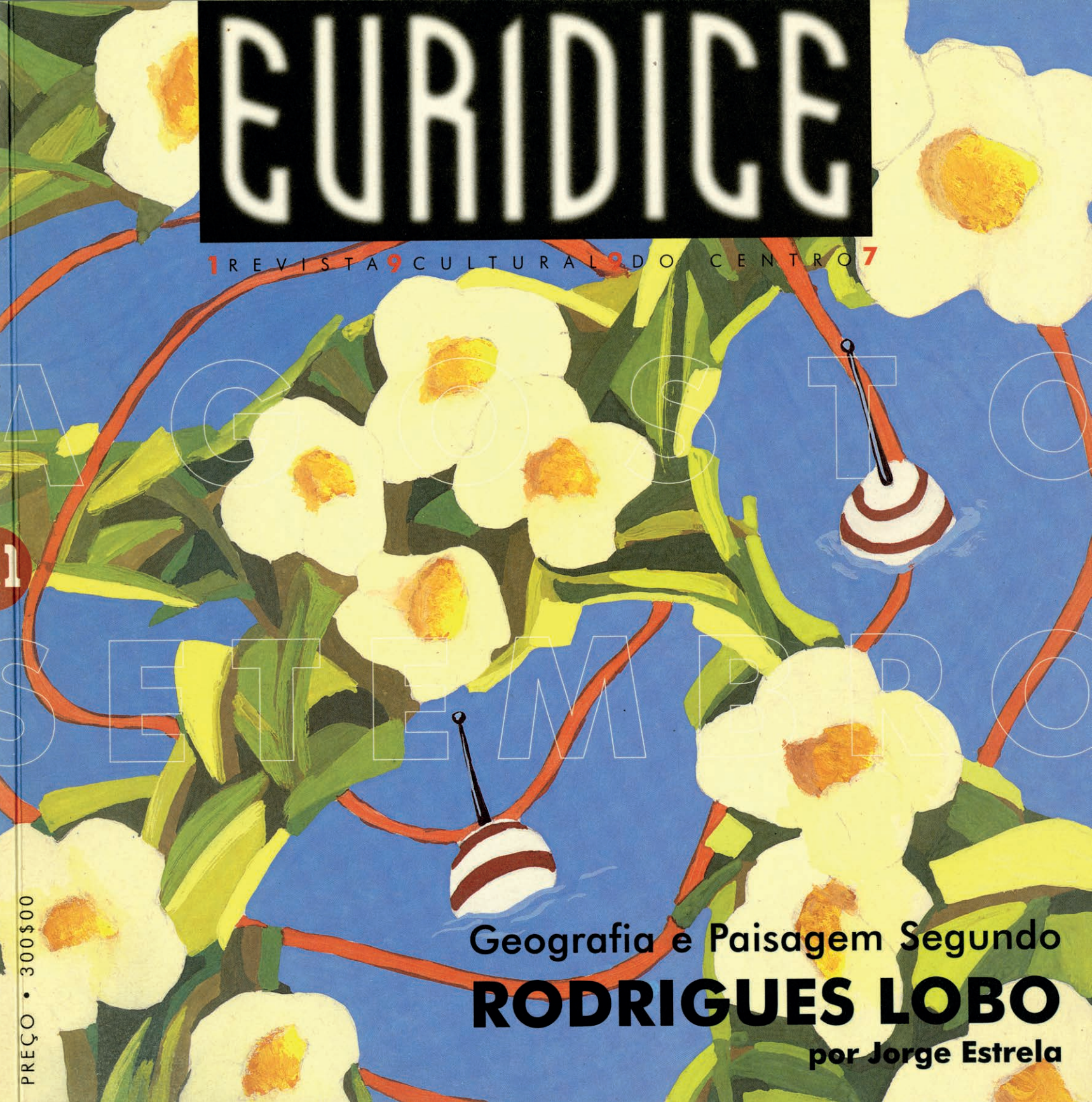


EURIDICE



1 REVISTA 9 CULTURAL DO CENTRO 7

Geografia e Paisagem Segundo

RODRIGUES LOBO

por Jorge Estrela

PREÇO • 300\$00

Geografia e Paisagem Segundo RODRIGUES LOBO

por Jorge Estrela

Uma interessante reflexão sobre o espaço geográfico de Leiria é feita por um dos seus mais ilustres filhos, o poeta Francisco Rodrigues Lobo. As suas obras de trilogia pastoril constituídas por “Primavera”, “O Pastor Peregrino” e o “Desenganado”, para além de um ambiente neo-renascentista, em que os Leirienses reconhecerão muito do seu património histórico e onírico, falam de uma geografia concreta que hoje podemos considerar esquecida.

Os limites da região abordada são a Leste o Tejo, a Norte o Mondego, a Oeste o mar e a Sul pastos e montes, onde podemos reconhecer o fim do maciço calcário e o corte transversal do Montejunto. Trata-se para ele de uma região coerente, de serras brancas e despidas, secas no cume, libertando águas que formam rios e vales caminhando para o Tejo, o Mondego e o mar.

Se isto nos pode parecer evidente, deixa-nos porém bem longe das considerações da geografia regional que nos últimos anos regem o território. Uma tendência iniciativa por Barros Gomes em 1867 com a criação da Beira Litoral, deixou Leiria arrumada nas terras do quaternário e detritos de aluvião da orla costeira, numa tira que se estende das Caldas a Aveiro. Ao formalizarem-se fronteiras neste corte vertical, apareceu uma obscura região Oeste e uma área de influência do Mondego. Leiria confinou-se na opinião do geógrafo Jorge Gaspar, a um “Pinhal Litoral” onde já aparece integrada em futurologias regionalistas que escapam à configuração geológica, à fito-sociologia e à história dos povos. A Alta-Estremadura desaparece e Leiria e o seu Concelho são uma terra de ninguém com uns pinheiros esparsos.

Como estamos longe da síntese territorial de Rodrigues Lobo!

Quando o seu personagem se dirige a Leiria sai das “Praias do Tejo” e após a travessia dos vales ribatejanos foi “subindo o monte até entrar num arvoredo cerrado” “pisado pelos animais ferozes da montanha” e “chega a um rochedo povoado de árvores muito antigas”. No ambiente serrano “não nos ouvem mais que as árvores e penedos” e por um caminho fragoso “caiu na descida de um vale que um gracioso

ribeiro atravessava”. A serra é calcária “uma serra branca” por vezes “deserta e desabrigada”, onde as exsurgências aparecem sobre a forma de fontes nascidas “entre penedia branca” e junto a ela não há “nem uma erva verde, mas águas tão claras que se podiam contar no fundo os brancos seixinhos”. Saindo dos lapiás e das agrestes formações do Dogger encontra as dolinas impermeáveis por vezes agigantadas, num vale que “estava cheio de árvores altas e espessas apartado de dois outeiros que se morriam vagarosamente sobre uma lagoa”.

Quem na serra já assistiu às tempestades tão frequentes (a Serra d’ Aire é o local com maior pluviosidade a Sul da Serra da Estrela) reconhecerá facilmente como real a descrição de Rodrigues Lobo “de noite se levantou subitamente uma tempestade tão estranha que parecia abrir-se o céu e romperem-se os penedos da serra” “ferindo os relâmpagos de contínuo faziam uma temerosa sombra nas cavernas” “os ventos parecia que se soltavam para combater as altas árvores do vale” “quando veio a madrugada soltaram os trovões e quebrou o vento em uma água grossa” “pela manhã apareceu o sol cheio de nuvens escuras, prenhes de água, correndo da parte do oceano uma traz outra, com tanta pressa que os da serra conheciam o carrancudo rosto do inverno”.

A paisagem humana agita-se num quotidiano anotado com precisão “os aldeões recolhiam para as cabanas os secos lenhos e pesados cepos que as ardentes calmas do estio tinham vencido, rodeavam as cabanas de ramos de árvores, fechavam os currais, semeavam os telhados de pedras, que sustentavam a agulha e espadana que os cobria, espalhavam o estrume, e abrigavam os instrumentos da lavoura”. Os nevoeiros matinais que vindos do Atlântico se derramam na Serra dos Candeeiros são referidos, “o sol começava a destruir uma névoa grossa com que estava encoberta a formosura dos montes”. Estamos na serra, na zona onde ela encontra os aplanamentos do litoral, por onde irrompem os numerosos ribeiros e rios que recortam as areias e os barros até ao mar. Seguindo os rios, dá o peregrino já perto da

costa, junto a uma ponte arruinada, as primeiras notícias de uma população de pescadores, que ele considera em constante diálogo e desafio como os serranos. Perto da foz “ouveu a voz e o tumulto dos pescadores que da parte do mar vinham trazendo as leves barcas” junto a casas de pescadores “estenderam as redes” e aí organizaram “a ceia dos peixes vivos, que ainda na seca areia se revolviam, e dos saborosos mariscos, que envoltos em curiosas conchinhas naquela hora se arrancavam dos penedos”. Na costa litoral lá estão “quebrando na surda praia as águas que do alto caem”, praia e mar de onde emergem rochedos que merecem a Rodrigues Lobo uma colorida descrição “levantados penedos cheios de curiosas conchinhas e vivos mariscos, lavrados pela mão da natureza, polidos com a continuação das ondas, abertas com mil partes secretas, por onde como por vidraças furtam a luz ao sol, que no centro deles descobre as prateadas escamas, as rosadas vieirinhas, e torcidos búzios, fazendo um gracioso esmalte na areia”.

Pela voz de um pescador ouve-se o exortar da paisagem marítima “que o espriar das ondas, o recolher das águas que a maré encurva pelas cavernosas lapas, o correr das areias com o manso vento, o bracejar dos remos no mar quieto, o soltar dos peixes pela madrugada”. E a paisagem lá está recreada por um pescador que a anota “uma enseada que o mar faz no fim deste rio no meio de dois penedos, que como uma lua minguante vão metendo as pontas por entre as ondas”. Como não pensar na barra de S. Martinho ou na antiga lagoa da Pederneira onde as enseadas e as pontes de barcas ainda existem na toponímia e na memória das populações. Mas nem à beira mar a serra que ao longe se avista fica esquecida e o próprio mar é um equivalente serrano:

Feito em mil serras o mar
Aonde parece que pascem
Ao longe brancas ovelhas
Descendo em profundos vales

A ligação entre a costa e a serra através das vias fluviais aparece claramente "*passeando ao longo desta praia quando a barca para passar à parte da serra*", dando a ideia que por vezes se subiam os rios na viagem de regresso ao interior.

Se os diversos ribeiros serranos que descem para o litoral são sumariamente apontados, o mesmo não acontece àqueles que mais queridos são a Rodrigues Lobo, o Lis e o Lena:

"*Nasci entre as frescas ribeiras do Lis, e Lena, terra favorecida do céu*". Ao enunciar o seu espaço descritivo, começa por baptizar as águas que viu correr. De facto, tudo indica que Lis e Lena sejam denominações poéticas, que estranhamente se fixaram na linguagem erudita e popular, com enorme rapidez. Não há traços de tais designações em toda a Idade Média, os rios tomando o nome das aldeias e locais onde passavam, Ribeira das Cortes, Rio da Reixida, Ribeira de Ulmar, sem que a sua totalidade fosse abrangida por uma designação definitiva.

O consentimento erudito de contemporâneos, que pegaram nos nomes como coisa assente, Frei António Brandão, Severim Faria, Bartholomeu Varelas, mostra a grande divulgação da "*Primavera*" logo na 1ª edição de 1601, mas é claramente insuficiente para fixar uma toponímia. A onomástica fluvial, tão conservadora que na maioria dos casos preserva as suas origens pré-latinas, não se conforma com baptismos poéticos guardando a população a memória e a prática dos nomes correntes. Se isso se modificou, foi certamente porque igualmente mudou a compreensão da região na sua globalidade, a compartimentação de espaços exprimindo um microrregionalismo das primeiras fases de colonização do Séc. XII, evolui para novas formas de propriedade a que não deverá ser estranha a administração dos Marqueses de Vila Real. Junte-se a isso, a secagem dos pântanos de Ulmar, que em todo o Séc. XVI foi libertando novos pomares e hortas e por essa via foi revelando um novo rio com aplicações coerentes e idênticas da nascente até à foz.

A construção de um potanómio é o primeiro passo para uma observação de rigor e é com uma precisão de geógrafo que Rodrigues

Lobo descreve o curso do Rio desde a nascente. "*Pela parte, por onde vem descendo o Rio Lis, antes de chegar aos espaçosos vales, que com a sua corrente vai regando, toma um estreito caminho por entre altos arvoredos, onde com profundo silêncio se detém até chegar à queda de uma alta penedia, e ali repartidas as águas, medrosas vão fugindo por entre as raízes de amargosas novigueiras, outras oferecendo-se aos penedos com saudoso som estão neles quebrando, e depois ficam derramadas em dous ribeiros: o maior depois de muitas voltas se vai a encontrar primeiro com as águas, de que se apertou entre altos ciprestes e loureiros. O outro, ao voltar de um vale se vai encostar a uma alta rocha por debaixo de espessas avelheiras, e esperando as águas umas pelas outras descobrem a boca de uma lapa encoberta entre uns ramos, que vai por baixo do chão uma légua*".

A indecisão da nascente é consequência natural da dinâmica dos poços e sifões que caracterizam a circulação cársica. Uma acção longínqua pode ter um grosso efeito num ponto aparentemente imprevisível. Assim ao falar-se na circulação de águas na lagoa de Minde observava-se (Couseiro na época em estudo) que "*quando se some esta água arrebeta nas fontes, freguesia das Cortes, um rio e no Reguengo outro, e que vêm a estes lugares por baixo do chão, que dantes não levam água*".

A desapareição ocasional das águas, sob a rocha ou sob leitos de cascalho, para uma reaparição mais longínqua, é a circulação normal por fendas e diáclases em leitos subaéreos, que aliás se podem tornar superficiais quando os níveis inferiores impermeáveis se encontram saturados de água. Assim no Lis e no Lena surgem ao nível da nascente leitos secos, onde se ouve o marulhar subterrâneo, reaparecendo e desaparecendo esporadicamente, entre uma flora espontânea aparentemente agarrada à rocha, mas com um sistema radicular que se afunda e aproveita das argilas e sedimentos subterrâneos.

É dessa impressionante rede de matos e de pedras que surgem as duas linhas de água que rodeiam o pico da Maúncia, uma virtualmente o Lis, a outra o ribeiro seco ou Ribeiro das Cortes que Rodrigues Lobo vê finalmente emergirem reunindo-se num correr, primeiro agitado e depois remansoso na abertura e

explanção ao vale. "*Já com rumor profundo, não soa a Lis dos montes seus vizinhos, antes no claro fundo, mostra os alvos seixinhos e os peixes que nas vãs deixam tremendo as sombras nas arêas*". Reconhecem-se as águas sinuosas e transparentes que correm junto às Fontes, regando hortas e rodeando-se de uma vegetação ribeirinha que lhe moldura as margens "*... a rica praia, cuja arriba se arrêa, do álemo, e da faia, do freixo, e do salgueiro, do ulmo, da avelheira, e do loureiro*". Ao romper nos campos chega a "*um formoso prado coberto de graciosa verdura, onde, como em jardim próprio da natureza, havia toda a variedade de flores e bonitas*". Os úberes vales do Lis, tão festejados e descritos por todos os viajantes aparecem na sua largueza "*um espaçoso vale, que, além da formosa verdura com que a natureza o avantajou*" "*...estava cercado de muitas árvores verdes, que postas em muro por uma parte e a outra o rodeavam*".

Por vezes o rio é retido nos numerosos moinhos e azenhas que pontuam o seu curso, noutras salta em buliçosas quedas por entre os afloramentos calcários "*...represado entre altas árvores aos raios de sol fica escondido até que chegando a uma fragosa penedia vem quebrando em espuma sobre os lisos penedos, e com acordado ruído se vai debruçando em um quieto remanso*" é o caminho alternado em cascatas e águas cativas que se estendem lisas como um espelho:

*"Águas de cristal
Que na loura areia
Fabricais espelho
Em que sol se veja
Que cortado o prado
Is polindo as pedras
e a terna verdura..."*

Rodrigues Lobo estava em posição privilegiada para anotar o que via. No Vidigal, debruçada sobre o vale, tinha uma propriedade de vinhas e searas (testamento de Miguel Lobo) ponto de observação dum horizonte vasto que percorre toda a veiga do Lis, é talvez lá que "*subindo de um alto penedo descobria aqueles saudosos vales e montes, os espessos e sombrios arvoredos, as cristalinas correntes, que iam com ordenados rodeios cortando a verdura...*"

e os :

*"Outeiros graciosos
Vales mais amenos
Fontes cristalinas
Ásperos rochedos
Serras espalhadas
Vastos arvoredos
Belos horizontes
Longes de tão perto
Pois vos estou vendo
Para sustentar-me
Alegrai meus olhos
Para que descansem"*

Enfim nos meandros que forma pela planície, o rio estende-se numa calma feliz:

*"Formoso Lis que entre arvoredos
Ides detendo as águas vagarosas,
Até que umas sobre as outras de invejosas
Ficam cobrindo vão destes penedos*

*Verdes lapas que ao pé dos altos rochedos
Sois morada das ninfas mais formosas
Fontes, águas, ervas, lírios, rosas
Em que esconde amor tantos segredos"*

Falar do Lis não faz o poeta esquecer o Lena, até porque foi nas suas margens que nasceu, a julgar pelos versos *"nas ribeiras do Lena fui nascido. E nas do Lis guardava o manso gado"* mas certamente um Lena que já tocava os arredores da cidade. No entanto é o Lena das lonjuras da Serra que é mais evocado, com aqueles que são para ele *"os serranos do Lena"* da crueza áspera e desnuda que se avista para além de Porto de Mós *"se passou além do rio Lena a buscar o antigo pastor que habitava naquelas montanhas"*.

O passeio viçoso do Lena ressaltava em paralelo com o Lis, as árvores são apontadas: *"ao longo do Rio Lena, debaixo de um castanheiro..."* e a sua frescura e generosidade beneficiam-no directamente em terras que possui na sua margem, junto ao Picoto, na mais bela abertura do vale, *"tem terras que levaram de sementeira 30 alqueires"* (testamento de Miguel Lobo). O Rio é vivo, cheio de peixes, a ponto de merecer de D. João III regulamentação

especial para pôr fim a contendas entre Leiria e a Batalha *"...hum rio que soia de ser de muito pescado"* e foi coutado à Batalha entre as Brancas e a ponte da Azoia (carta de 1537, chanc. Dom João III).

Ambos os rios vão ter a *"um espaçoso sítio partido entre outeiros e graciosos vales que a natureza com particulares graças povoou de árvores e fontes, que fazem nele perpétua Primavera"*.

Rodrigues Lobo descreve-nos Leiria *"entre as fragosas montanhas da Lusitânia na costa ocidental do mar oceano"*. No vale *"levanta-se o monte agudo de penedia cercado como ilha de dous rios, que pela falda dele vão murmurando, até que ajuntando-se no extremo da sua altura levam ao mar em companhia a vagarosa corrente, e assim da parte do Lis, que na cópia das águas é principal, como pela do claro Lena, que escondido entre arvoredos faz o caminho, é cultivada a terra de muitos pastores, que naqueles vales, e montes apascentam, passando a vida contentes com os seus rebanhos, e as frutas que a terra em abundância lhes oferece, assim de Ceres, como de Pomona : porque com a benigna inspiração do Céu, e disposição da terra não somente são as plantas mais formosas à vista, os frutos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro e alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados e parece que menos duros"*.

O Lis abandona a Cidade e segue pelos campos *"...até que perdeu de vista os altos edifícios, que estão situados em a soberba penha, que os rios vão cercando"*. Os campos são a designação dos antigos paúis que se prolongavam até ao mar. o Couseiro precisa: *"Começa o dito campo no lugar da Barroza, defronte d'ele e vai correndo até ao mar e pelo meio o rio; e d'uma parte e outra estão muitos lugares, povoações e freguesias..."*. É o Campo velho até Monte Real por onde o rio se espraia na sua plenitude caminhando inelutavelmente para a foz.

*"Fazei águas do Lis o vosso efeito
E com doce murmúrio suspirando
Buscai ao mar, pagai-lhe seu direito"*

Na chegada ao mar o poeta repete o mote que animou as águas pujantes do passado :

*"Formoso rio Lis, que de contente
Estais detendo as águas vagarosas
Por não passar daqui vossa corrente
Entre essas ondas claras duvidosas
Levai ao largo mar com turva vêa
Tristes queixumes, lágrimas queixosas"*.

Enfim junto ao mar, antes das águas se misturarem no seu destino tumultuoso, à beira do fim, é ainda um silêncio quieto que acode às águas :

*"Só se ouve o murmúrio
do Lis que já cansado
Com as ondas abraça a loura areia
e junto à relva verde
a formosura a côr a graça perde,
No extremo ocidente"*.

Como não experimentar um sentimento de nostalgia, agora que as águas são praticamente um esgoto e a paisagem se arruína em desordem, perante uma evocação tão vibrante das veias claríssimas que fizeram a Cidade nascer.

A flora na poesia de Rodrigues Lobo

Se o cenário paisagístico de Rodrigues Lobo é uma apaixonada integração do sentido poético numa realidade física, é no entanto na fluidez da anotação florística que se revela mais notável. Na trilogia pastoril são citadas cerca de 80 espécies diferentes e no conjunto da obra perto de 100, o que significa que estamos perante o maior acervo de referências vegetalistas em toda a história da literatura portuguesa.

Seria circunstância de somenos se se tratasse de uma listagem, obras de carácter médico ou levantamentos botânicos que existiam no Portugal quinhentos, mas Rodrigues Lobo planta com precisão a sua flora na paisagem que refere.

Se bordeja o rio são as árvores e os arbustos de beira água que lá estão. Ele ouve *"o murmúrio da fonte que entrava no rio debaixo de uns salgueiros"* e vê *"os salgueiros que a turba corrente do Inverno arrebatara"* ou *"um freixo entre cujas raízes passa o ribeiro"*. Se segue no campo lá está *"o prado mais contente"*

vestido de boninas" ou a relva "semeada de malmequeres brancos e amarelos". Se "muda o pasto para o monte" vê por entre tempestades "raios que sobre os carvalhos desciam" e "correu toda a montanha sem achar quem buscava "o áspero pinheiro ao pé de uma serra" "uma frágua entre mui espessas giestas". Se desce aos vales é lá que encontra a "fresca rosa, a roxa viola e o jacinto, a branca cêssem pura, e formosa". Se se queda na brandura das águas de uma fonte, vê a flora húmida de herbáceas e pteridófitas,

os lírios, as avencas, a douradinha, nas terras frescas e profundas encontra os castanheiros, os sobreiros, as aveleiras. É com justeza que aponta o sítio da pastagem da charneca, da mata ou da floresta.

Sobre a metodologia seguida para angariar tão extensa informação, para além do que foi cativado por olhar seguro, o poeta é claro, se não sabe pergunta: "lhe perguntei o nome de umas bonitas brancas que melhor entre outras pareciam..."

O facto de ver bonitas (*Bellis perennis*) e elas serem brancas não lhe chega. A questão, mais do que um devaneio poético é uma curiosidade botânica.

Eis a listagem das citações de Rodrigues Lobo. O primeiro termo corresponde à citação, o segundo entre parênteses ao nome comum e a seguir o científico, que pode ser mais do que um na necessidade de uma interpretação mais abrangente. A discussão das atribuições não cabe na estreiteza desta informação.

Árvores	
FLORA CITADA	POR RODRIGUES LOBO
* Álamo, Álamo	<i>Populus alba</i> L.
* Amendoeira	<i>Prunus dulcis</i> (Miller) D.A. Webb. = <i>Amigdalus communis</i> L.
* Ameiro	<i>Alnus glutinosa</i> (L.) Gaertner
* Árvores de espinho, Fíndios Espinhos (Penteiro)	<i>Crataegus monogyna</i> Jacq.
* Aveleira	<i>Corylus avellana</i> L.
* Azambujo (Zambujo)	<i>Olea africana</i> Miller/Olea europaea var. <i>syvestris</i> Brot.
* Carvalho	<i>Quercus faginea</i> Lam.
* Castanheiro	<i>Castanea sativa</i> Miller
* Cerejeira	<i>Prunus avium</i> (L.) L. <i>Prunus cerasus</i> L.
* Choupo	<i>Populus nigra</i> <i>Populus nigra</i> var. <i>italica</i> Muench L.
* Cipreste	<i>Cupressus sempervirens</i> L.
* Enzinha (Azinheira)	<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.
* Ervado (Ervedo, Medronheiro)	<i>Arbutus unedo</i> L.
* Faia (Choupo tremedor)	<i>Populus tremula</i> L. e não <i>Fagus sylvatica</i> , inexistente em Portugal.
* Figueira brava	<i>Ficus carica</i> L. var. <i>caprificus</i>
* Freixo	<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl.
* Laranjeira	<i>Citrus aurantium</i> L.
* Limão (Limoeiro)	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.
* Loureiro, Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.
* Nogueira (Nogueira)	<i>Juglans regia</i> L.
* Oliveira	<i>Olea europaea</i> L.
* Pereiro	<i>Pyrus burgaeana</i> Decne., <i>Pyrus communis</i> L.
* Pinheiro, Pino	<i>Pinus pinaster</i> Sol. in Aiton. e <i>Pinus pinea</i> L.
* Pomares (macieira)	<i>Malus domestica</i> Borkh.
* Salgueiro, Sauze, Sincelral	<i>Salix atrocinerea</i> Brot.
* Salgueiro branco	<i>Salix alba</i> L.
* Sobreiro (Sobreiro)	<i>Quercus suber</i> L.
* Ulmeiro, Ulmo, Olmo	<i>Ulmus minor</i> Miller

Arbustos	
FLORA CITADA	POR RODRIGUES LOBO
* Aroeira	<i>Pistacea lentiscus</i> L.
* Buxo	<i>Buxus sempervirens</i> L.
* Cana, Canavial	<i>Anundo donax</i> L.
* Giesta	<i>Cytisus scoparius</i> (L.) Link. <i>Cytisus grandiflorus</i> D. C.
* Hera	<i>Hedera helix</i> L.
* Jasmim	<i>Jasminum fruticosum</i> L. <i>Jasminum officinale</i> L.
* Madre silva (Madressilva)	<i>Lonicera implexa</i> Aiton <i>Lonicera etrusca</i> G. Santi
* Murta, Mirto	<i>Myrtus communis</i> L.
* Rosas brancas	<i>Rosa canina</i> L. <i>Rosa pouzianii</i> Tratt. <i>Rosa sempervirens</i> L. <i>Rosa agrestis</i> Savi <i>Rosa tomentosa</i> Sin.
* Rosas vermelhas	<i>Rosa rubiginosa</i> L. ssp. <i>lusitanica</i> Samp. <i>Rosa dumetorum</i> Thunb. <i>Rosa verticillata</i> Merat. <i>Rosa pendulina</i> L.
* Sangunho	<i>Cornus sanguinea</i> L. ssp. <i>sanguinea</i>
* Silva, Silveira	<i>Rubus ulmifolius</i> Schut.
* Silva branca	<i>Rubus thyrsoides</i> Wim.
* Tojo	<i>Ulex</i> sp. = <i>Staurachantus</i> sp. <i>Ulex europaeus</i> L. <i>Ulex densus</i> Welw. <i>Ulex parviflorus</i> Pousz. <i>Ulex minor</i> Roth.
* Vime	<i>Salix viminalis</i> L.

Herbáceas	
FLORA CITADA	POR RODRIGUES LOBO
* Apucena, Cêssem	<i>Lilium candidum</i> L.
* Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.
* Alho	<i>Allium sativum</i> L.
* Artemiza, Artemisa	<i>Artemisia vulgaris</i> L. ou <i>Pyrethrum parthenium</i> L. <i>Tanacetum parthenium</i> (L.) sch.Bp.
* Avena, Aveia	<i>Avena sativa</i> L.
* Avenca	<i>Adiantum capillus - veneris</i> L.
* Boninas	<i>Bellis perennis</i> L. <i>Bellis silvestris</i> Cyr.
* Borrage, Borragem	<i>Borago officinalis</i>
* Campainhas	<i>Campanula lusitanica</i> L. <i>Campanula herminii</i> Hoff. e Link.
* Cardo, Louro Cardo	<i>Carthamus arborescens</i> L.
* Chagas, Flores da Chaga	<i>Tropaeolum majus</i> L.
* Centeio	<i>Secale cereale</i> L.
* Cravelina, Clavelina	<i>Agrostemma githago</i> L.
* Cravo	<i>Diathus caryophyllus</i> L.
* Douradinha	<i>Ceterach officinarum</i> D.C.
* Feto	<i>Pteridium aquilinum</i> L.
* Girasol, Girassol	<i>Heliotropium europaeum</i> L. <i>Heliotropium supinum</i> L. <i>Helianthus annuus</i> L.
* Herva cidreira, Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.
* Jacinto	<i>Scilla hyacinthoides</i> L. <i>Opicadi serotinum</i> Med. <i>Muscari comosum</i> <i>Glaucium segetum</i> Ky-Gowis. <i>Glaucium blyricus</i> Koch.
* Junquilha	<i>Narcissus Jonquilla</i> L. <i>Narcissus dubius</i> Gouan.

Herbáceas	
FLORA CITADA POR RODRIGUES LOBO	
▪ Língua Cervina	Phyllitis scolopendrium New.
▪ Lírios	Iris florentina Hill.
▪ Lírio Roxo	Iris germanica L. Iris planifolia (Miller)
▪ Lírio Amarelo	Iris pseudacorus L.
▪ Malmequeres, Bemmequeres ▪ Brancos ▪ Amarelos	Chrysanthemum coronarium L. var. discolor Chrysanthemum coronarium L. var. concolor Anthemis tinctoria L.
▪ Malvaisco	Lavatera arborea L. Althaea officinalis L.
▪ Mangericão	Ocinum bonilium L.
▪ Mangerico	Ocinum minimum L.
▪ Marcella, Macela	Anthemis nobilis L. Chamaemelum nobile (L.) AM.
▪ Milho	Panicum miliaceum L. ? Zea mays L.
▪ Orjábão, Urgebão	Verbena officinalis L.
▪ Ouregão, Oregão.	Origanum vulgare L.
▪ Rosmaninho	Lavandula stoechas L. Lavandula stoechas ssp pedunculata (Miller) Samp.
▪ Ruda, Arruda.	Ruta chalapensis L.
▪ Tageda, Tágueda	Inula viscosa Ait. Dittrichia viscosa (L.) W. Grunther
▪ Trigo	Triticum aestivum L.
▪ Viola, Violeta ▪ Branca ▪ Roxa	Viola alba Pet. Viola odorata L. Viola canina L.
▪ Zéfir	

Todas estas plantas encontram-se espontâneas ou cultivadas na região abrangida. Não vemos como noutros poetas ou escritores da mesma época recurso a uma flora mitológica ou orientalista. As árvores que existem localmente estão praticamente todas incluídas, e os arbustos ou plantas vivazes têm falhas menores. Uma excepção são os cistus. É curioso ver como escaparam apesar de serem das mais vistosas e abundantes plantas que esquadriham

todas as terras da montanha ou da planície. Não há roselhas nem estevas, que no entanto, não escapam na Serra da Arrábida a Frei Agostinho da Cruz.

Também na flora de herbáceas, apesar da sua invulgar extensão, faltam algumas das mais triviais que se ajustam plenamente a uma sensibilidade poética, refiro-me ao alecrim e à papoila. A ausência da romãzeira é singular. Mesmo os poetas mais desguarnecidos de alusões naturalistas, têm a romã como referência tópica. Talvez a conotação da romã com o povo judaico, e a ocultação que Rodrigues Lobo fazia dessa condição, estejam na origem do esquecimento. De resto, na única gravura retratando o poeta, a romã aparece discretamente.

O Jardim

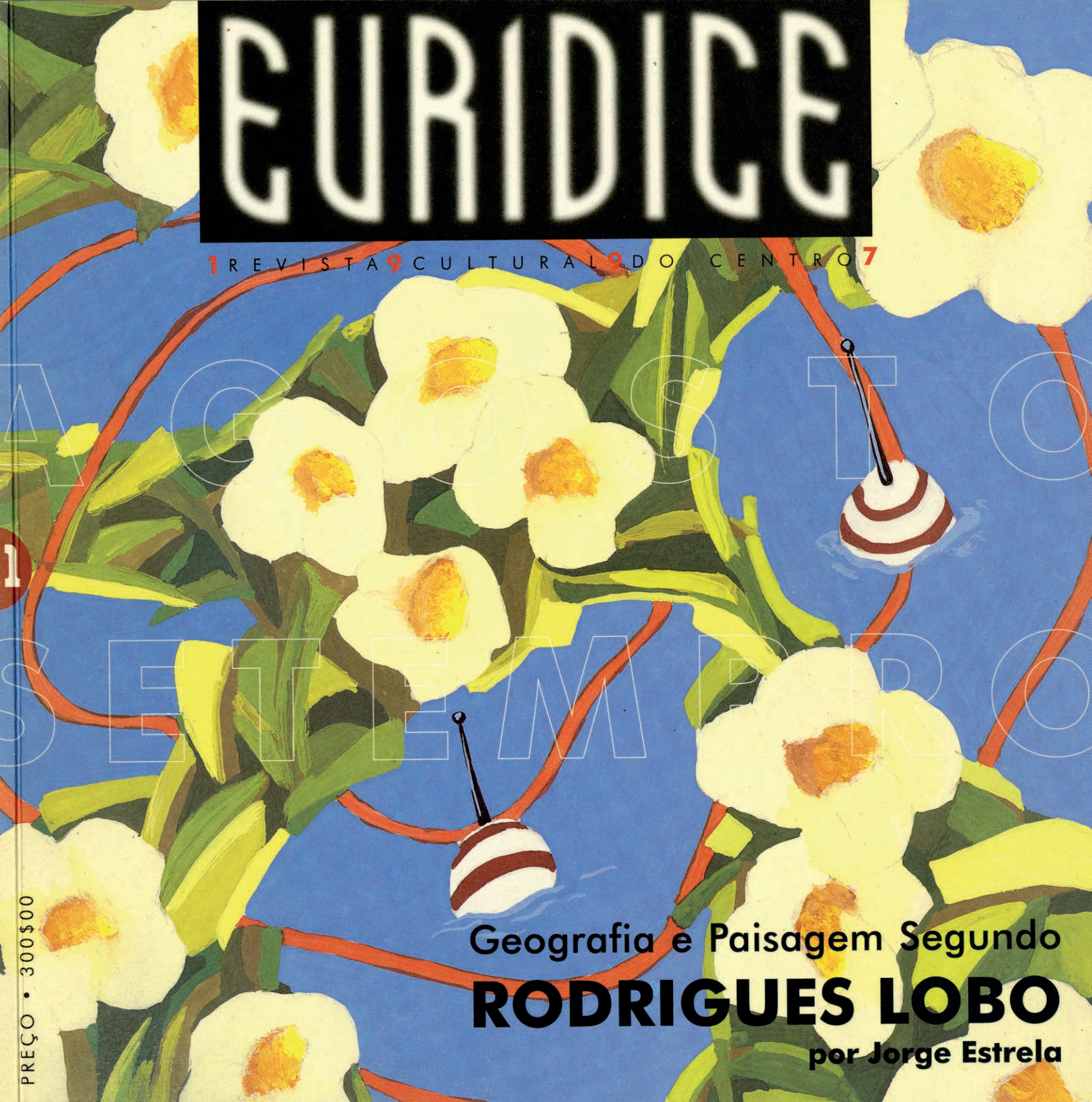
Para Rodrigues Lobo "O monte, o vale, as plantas, a verdura", constituem "um artificioso jardim de várias flores e ervas cheirosas".

O tema do jardim aplicado a uma natureza, que o olhar renascentista revia na harmonia da concepção virgiliana, aparece ciclicamente, chamando a atenção para a capacidade regeneradora da

terra, que se povoa de esplendores que só a alma sensível sabe captar. Neste aspecto foge-se daquilo que formalizou o jardim italiano e a sua interpretação francesa, no fundo afirmações de classe revelando o poder do Príncipe, que se concretizavam na abundância de recém chegadas e quase inacessíveis plantas exóticas, para numa precoce intuição, se prenunciar o jardim romântico, e o triunfo da flora local.

*"...Do sol abre as boninas cobiçosas
a madressilva e o jacinto amante
Que ainda sustenta as letras amorosas
Como se esmera a natureza
em fazer tal jardim numa aspereza
Não faltam fontes e árvores crescidas
Loureiros, freixos, choupos e aveleiras
Castanheiros em matas mui compridas
Compridas e copadas cerejeiras".*

EURIDICE



1 REVISTA 9 CULTURAL DO CENTRO 7

Geografia e Paisagem Segundo

RODRIGUES LOBO

por Jorge Estrela

PREÇO • 300\$00